



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
34ª Reunião Ordinária do Pleno do Conselho de Desenvolvimento
Econômico e Social**

Palácio Itamaraty, 17 de junho de 2010

Vocês estão... todos vocês estão esperando alguém falar: “Gente, está na hora do almoço, vamos almoçar”.

Bem, quero cumprimentar o meu querido companheiro José Alencar,

Cumprimentar o companheiro Padilha,

Cumprimentar os ministros aqui presentes,

Mas queria, sobretudo, cumprimentar os companheiros do Conselho e as companheiras do Conselho.

Vocês viram eu dando uma bronca no Artur. Eu estava dizendo para o Artur que quando se usa paletó de três botões, é o botão de cima e o do meio; o da ponta, de baixo, você não precisa abotoar. Ele abotoou ao contrário: abotoou os dois de baixo e deixou os de cima abertos. Não fica bem na foto, Artur, e um operário qualificado como você precisa se vestir adequadamente. Afinal de contas, está viajando para Toronto, para tentar resolver as coisas da Vale do Rio Doce [Vale], é isso?

Bem, é muito difícil a gente chegar em uma reunião em que já falou o Ministro da Economia, já falaram outros conselheiros, e a gente falar sem saber o que eles falaram. Você corre o risco de repetir ou de fazer comentários que desmintam aquilo que já foi dito ou falar pior do que o que já foi falado.

Bem, eu vou tentar, Guido, não entrar na sua seara de Economia, e dizer para vocês que é gratificante que vocês tenham colocado como tema principal, no novo ciclo de desenvolvimento do país, a questão da educação. Se não existisse Conselho, nós teríamos que criá-lo só para chegar a essa



conclusão, porque se em outros momentos da história do Brasil tivesse um Conselho como este, que se preocupasse em discutir inovação tecnológica, que se preocupasse em discutir um novo modelo de desenvolvimento, que se preocupasse em discutir a educação, possivelmente nós seríamos hoje o que nós estamos nos propondo a ser daqui a dez ou 15 anos e estaríamos pensando numa política muito mais avançada, do ponto de vista do conhecimento, do que nós estamos discutindo hoje.

A educação, meu caro Neri, é um dos motivos do meu orgulho. Eu tenho muitos orgulhos pelo fato de ter passado pela Presidência, e a educação é uma coisa de muito orgulho. Até estava dizendo para o Padilha que é uma pena que a gente não tenha arrumado um tempo para trazer o Ministro da Educação para fazer uma exposição para vocês do que está acontecendo na educação brasileira. Pasmem, mas é verdade: eu e o José Alencar, dois brasileiros sem diploma universitário, já passaremos... já estamos hoje com o carimbo do presidente e do vice que mais universidades fizeram no Brasil e mais extensões universitárias. São 12 universidades novas já funcionando; duas para começar – uma da América Latina e uma afro-brasileira – que falta só uma comissão no Senado; e 105 extensões universitárias, levando pelo Brasil afora aquilo que era o sonho de muita gente durante muito tempo e que a gente não conseguiu. E 214 escolas técnicas: parece pouco, mas é uma vez e meia tudo o que foi feito no século XX. Em 93 anos se fez 140; em oito anos, nós faremos 214. É uma pequena diferença.

Se nós tivermos um sequenciamento de governo, que aposte na educação e continue esse ritmo de investimento, nós poderemos estar convictos de que, mais uma geração, e nós estaremos iguais a qualquer outro país que sirva de exemplo para nós hoje. Não apenas na questão da educação universitária.

O ProUni foi, talvez, uma das coisas mais extraordinárias já pensadas por um governo, e executadas. O ProUni já colocou... atualmente nós temos



706 mil alunos no ProUni, e este ano eu vou entregar os primeiros 540 diplomas de Medicina para jovens pobres da periferia que fizeram Medicina através do ProUni. Não pode ter nada que dê mais orgulho a um presidente que não tem diploma, ver um filho do Brasil tendo diploma, que nem o José Alencar teve e nem eu tive. Certamente, se tivéssemos não estaríamos aqui porque estaríamos pensando em outra coisa. Pelo fato de não termos diploma, só pensamos em ser presidente e vice-presidente, e chegamos aqui com muito sacrifício.

Bem, mas eu participei e gostaria que vocês... Eu estou falando para o Padiha ver se pega com o Ministro da Ciência e Tecnologia, para mandar para cada conselheiro, um filme de oito minutos feito pelo Ministério da Ciência e Tecnologia apresentando tudo o que foi feito em ciência e tecnologia. Outra coisa que é extremamente interessante: nenhum governo, nenhum governo e muito menos a sociedade brasileira como um todo tem noção do que foi feito em ciência e tecnologia no Brasil.

Uma coisa a que vocês precisam prestar atenção é que – quem sabe, por culpa do próprio governo, quem sabe, por culpa dos próprios empresários ou, quem sabe, por culpa da comunicação – nós não conseguimos gastar o dinheiro colocado para inovação tecnológica no Ministério da Ciência e Tecnologia porque os empresários talvez não saibam como ter acesso ao dinheiro. O dado concreto é que, outro dia, nós só tínhamos seis mil empresários brasileiros investindo em inovação. Significa que nós estamos começando do zero e é preciso que a gente faça esse desafio. Os R\$ 41 bilhões que nós colocamos no PAC Ciência e Tecnologia, ao fechar o ano, no dia 31 de dezembro, à meia-noite, nós teremos utilizado todos os recursos do PAC Ciência e Tecnologia.

É importante a gente saber que o Brasil já passou a Rússia e já passou a Holanda na publicação de textos científicos em revistas especializadas. Não é pouca coisa! Eu queria que vocês recebessem esse filme para assistir em



casa, que vocês vão ter a mesma surpresa que eu tive na Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia. Nem eu tinha dimensão da quantidade de coisas que nós conseguimos fazer neste segundo mandato.

Uma outra coisa que eu acho que é importante, se vocês tiverem tempo, quando terminar este Conselho aqui, quem puder ir à Concha Acústica fazer uma visita à Feira da Agricultura Familiar, porque é importante, Guido – eu conheço a discussão que se faz no Brasil sobre macroeconomia –, mas é importante a gente conhecer o que está acontecendo na microeconomia, aquela que, às vezes, não aparece na primeira página dos jornais; aquela que, muitas vezes, não aparece no noticiário de televisão; aquela que, muitas vezes, não chega no debate acadêmico. Ela fica na periferia da sociedade, criando os seus efeitos, e a gente só sabe que ela existe quando o Neri vem aqui e diz que 30 e poucos milhões de brasileiros ascenderam à classe média. Aí a gente fica sabendo que além do aumento da massa salarial, que além da geração de quase 14 milhões de empregos, tem algo no subterrâneo da política econômica brasileira que faz um efeito extraordinário junto aos segmentos mais pobres da sociedade, e que nem sempre todo mundo conhece.

Eu vou dar um exemplo para vocês, e eu vou repetir porque para mim isso é sagrado. O programa Luz para Todos, ele exigiu que o governo brasileiro investisse R\$ 12 bilhões até agora. Totalmente gratuito. Se pegar o levantamento do Ministério de Minas e Energia, a gente vai constatar que muitos estados não cumpriram sequer os 20% que eram obrigação dos estados. Quem quiser saber é só ir ao Ministério de Minas e Energia, sobretudo a imprensa, para saber quantos estados tinham que colocar 20%, e nem isso colocaram. E o governo não deixou de colocar nenhum centavo por conta disso, porque nós partíamos do pressuposto de que o cidadão tem direito à energia na casa dele.

O que acontece quando ele recebe energia? Nós já fizemos ligações em 2,4 milhões casas, Guido. Isso significa atender... Se pegar uma média de



quatro pessoas por família... no campo tem um pouco mais – [uma média] de cinco pessoas -, nós estamos falando de 12 a 13 milhões de brasileiros que saíram do século XVIII e entraram para o século XX, ou melhor, século XXI, quase num passe de mágica.

O que acontece quando chega o programa Luz para Todos? Oitenta e três por cento compram televisor; 79% compram geladeira; 50% compram aparelho de som; mais de 80% compram liquidificador. Então, vocês imaginam que aquilo que parece apenas levar luz na casa de uma pessoa, gera um dinamismo na economia... talvez gere mais emprego na cidade do que no campo. Os números são todos do tamanho do Brasil, parecem fabricados em Itu. São 5.860 mil postos, são 1,1 milhão de quilômetros de fios e são 789 mil transformadores, tudo isso gerando emprego lá onde tem o programa Luz para Todos.

Eu poderia dar o exemplo de uma coisa, Guido, que também não se fala muito. O Bolsa Família, as pessoas pararam de falar. Pararam de falar porque descobriram que o Bolsa Família é uma realidade que mudou a vida de muita gente neste país.

Mas eu fui, nessa semana, lançar um programa, comemorar cinco anos de aniversário de um programa chamado Agroamigo. O Agroamigo é um programa do BNB, o Banco do Nordeste. Ele atende, praticamente, a região Nordeste do Brasil, e agora já está chegando com outro programa, chamado Crédito Amigo [Crediamigo], nas favelas do Rio de Janeiro. Esse programa investiu, Guido, nos últimos anos, [R\$] 1,3 bilhão só no ano passado, para atender um milhão de pessoas. Prestem atenção no dado, que essa é a revolução: 1,3 bilhão para um milhão de pessoas. Você imagina não quantos empregos, mas com [R\$] 1,3 bilhão nós garantimos que um milhão de pessoas tivessem trabalho. Às vezes, a gente empresta 5 bilhões para uma empresa, faz uma megaempresa, e gera 200 empregos, 300 empregos quando ela está funcionando. E nós vamos precisar continuar investindo nessas empresas. Mas



é preciso que, ao fazer o grande crédito, a gente não se esqueça de que, do ponto de vista social, o pequeno crédito tem mais efeito do que determinados créditos que a gente faz, que são necessários. Por exemplo, o crédito para perfurar o pré-sal é uma coisa extraordinária, e nós temos que fazer, e fazer cada vez mais. Mas, do ponto de vista dos benefícios sociais, esse pequeno crédito tem uma força incomensurável. Gostou [do] “incomensurável”? Uma força extraordinária.

Veja, o que é mais importante, Guido, que você precisa colocar nos seus discursos – eu vi uma parte aí, não sei se tem –, é o seguinte: é a questão do crédito. Eu vou repetir isso porque é importante a gente repetir. Tem gente que fala: “Ah, mas você falou a mesma coisa duas vezes”. Eu vejo a propaganda da Coca-Cola, é a mesma, desde que eu me conheço por gente. E se mudar, o cara vai comprar outro. Então, eu vou falar o mesmo discurso. Uma coisa importante é a questão do crédito, é a questão do crédito. O BNB, Guido, quando nós tomamos posse, o BNB tinha emprestado, em 2002, R\$ 262 milhões e ele tinha uma inadimplência de 37,5%. Hoje, o BNB – no ano passado, na verdade – emprestou R\$ 22 bilhões e tem uma inadimplência de 3%, ainda com resíduo da inadimplência que nós herdamos. Junto às pessoas do Agroamigo, a inadimplência é menor ainda.

Eu digo com muito orgulho: as pessoas mais pobres gostam de pagar, porque elas têm vergonha de dever. No mundo mais rico, dever significa que você é um grande empreendedor, um grande investidor. Então, se você não dever, você não é nada, você tem que dever. Mas, para o pequeno, ele só tem como patrimônio o nome. E não tem nada que envergonhe mais o pequeno do que o nome dele sujo na praça.

Então, nós poderíamos pegar, Guido, o programa do BNDES. Quem é de vocês que imaginou o BNDES participar de uma reunião com catadores de papel embaixo de uma ponte lá em São Paulo e colocar R\$ 220 milhões de crédito para catador de papel? Era muito mais fácil chamar a polícia, mandar



tirar os catadores de papel. Quando, para nós, o mais fácil é tratar essas pessoas como cidadãos. E uma coisa fantástica é que essas pessoas, ao receberem ajuda, ganham uma autoestima tão extraordinária que elas não querem deixar de ser catadores de papel. Eles não sentem vergonha, Toninho, de eu passar com você no seu carro e jogar uma lata de cerveja, como às vezes se joga, e eles pegarem. Eles não têm vergonha, aquilo virou para eles uma profissão. Eles têm crédito do BNDES, certamente do Banco do Brasil, certamente da Caixa Econômica Federal. Nós financiamos até uma carrocinha que nós fizemos em Itaipu, que ele não precisa mais puxar nem empurrar, ele agora só aperta um botãozinho, ela vai andando e ele vai guiando.

Ou seja, é muito fácil cuidar dos pobres, Neri, e é por isso que a gente colhe resultados. Eu brinco muito com a questão do crédito. Porque, quando nós chegamos aqui no governo, o crédito no Brasil, em todo o mundo... Você ouvia falar: “Não, porque, no Brasil, esse Lula é socialista. Nós somos um país de economia capitalista. O que esse Lula veio fazer aqui?”. País de economia capitalista muito chinfrim, porque esse país tinha de crédito, no Brasil inteiro, R\$ 380 bilhões. E foi esse governo “socialista”, com o Zé Alencar mais à Esquerda do que eu, que nós chegamos a 1,5 trilhão de crédito em sete anos de governo. Algumas vezes mais, R\$ 1,5 trilhão de crédito. Nós podemos saltar... O BNDES, que quando emprestava muito emprestava R\$ 38 bilhões, para emprestar no ano passado R\$ 139 bilhões. Eu não te falei ainda que o BNB quer que o Tesouro aporte mais R\$ 10 bilhões para atender à demanda do crédito.

Companheiros, olhem, se a gente adentrar o mundo das dificuldades neste país... o Minha Casa, Minha Vida... o Minha Casa, Minha Vida, nem os empresários, nem o governo e nem a Caixa Econômica acreditavam que era possível a gente aceitar o desafio de fazer o lançamento de um programa de 1 milhão de casas, nem os empresários, nem a Caixa Econômica Federal e nem o governo. Quando eu fiz a proposta de fazer 1 milhão de casas, o Guido



flexibilizou para 500 mil casas, e eu falei: 500 mil casas não é um grande programa, tem que ser um grande programa. E o que a gente descobre entrando no mundo da pequenez brasileira? É que um cidadão que comprava uma casinha de 38 metros quadrados, ele pagava mais de seguro de vida da casa do que da prestação, ou seja, a quantidade de penduricalhos que estavam pendurados... Eu lembro de uma pergunta que eu fiz à minha companheira Maria Fernanda. Eu falei: Maria Fernanda, ele paga seguro de vida? Quantas pessoas morrem antes de vencer o financiamento? “Ah, é muito baixo, Presidente”. Porra, se é muito baixo! – desculpem o palavrão – se é muito baixo, se é muito baixo, por que tem que ter o seguro de vida?

Guido, você não sabe o sucesso do programa. Você sabe, você tem participado de avaliação. Agora, eu estou com um dilema, porque nós distribuímos o programa Minha Casa, Minha Vida por salário... por renda, não é isso? Proporcionalmente por estado e por renda, privilegiando de 0 a 3 [salários-mínimos]. Mas agora já acabou todo mundo de 0 a 3 [salários-mínimos]. Sabe o que o pessoal está pedindo? Para que a gente passe para o programa... para o PAC 2, que a gente entre no programa Minha Casa, Minha Vida nº. 2 e deixe esse [programa Minha Casa, Minha Vida] 1, das famílias de 3 a 6 [salários-mínimos] e de 10 a 6 [salários-mínimos], parado. “Vamos pular para 0 a 3 [salários-mínimos]”. Não! Nós, agora, Guido, vamos ter que tomar uma decisão e privilegiar os estados que melhor trabalharam e que mais têm projetos, para a gente liberar todo o programa Minha Casa, Minha Vida... de 0 a 3 [salários-mínimos] e de 3 a 6 [salários-mínimos]... temos que criar, porque nós não podemos ficar fabricando casas que eram para ser fabricadas no ano que vem, e deixando casas paralisadas de 0 a 6 [salários-mínimos] e de 6 a 10 [salários-mínimos].

Mas esse programa, esse programa é o grande desafio para os empresários brasileiros, para o governo, para a agilidade da Caixa Econômica Federal, porque a gente não tinha hábito. O problema é que a gente não tinha



hábito, o Brasil estava desabitado a fazer essas coisas, não era maldade de ninguém, era que o Brasil não estava habituado. Alguns empresários da construção civil preferiram vender o seu trabalho e ficar vivendo de renda. Quando nós chegamos aqui, nem o Exército Brasileiro, através do seu Batalhão de Engenharia, tinha máquina para fazer nada, nem caminhão, nem caminhão. Por isso que as empresas não vendiam caminhões, porque nem o Exército comprava. As empresas brasileiras...

Guido, você vai passar para a história como o Ministro da Fazenda que melhor e mais em dia paga as contas do governo. Nesse governo a gente paga na hora. Antigamente as pessoas não sabiam se ia ter a obra, as pessoas contratavam, não sabiam se iam receber e ficavam os empresários fingindo que trabalhavam, o governo fingindo que pagava e demitiam. Então, esse momento que nós estamos vivendo é um momento, Neri, que vai causar muita surpresa a muita gente no país. Muita gente que vê a economia apenas pelo que escreve algumas pessoas vai se surpreender muito com as coisas que estão acontecendo neste país, com a evolução do crescimento e do avanço da sociedade brasileira e, sobretudo, da educação.

Artur, nós estamos muito mais avançados do que nós esperávamos que fôssemos estar agora, sabendo que nós temos um século de atraso e precisamos fazer muito mais. Não é que eu esteja contente com o estágio, não. Eu estou contente com o que foi feito, mas sabendo que nós podemos fazer infinitamente mais.

Então, eu quero, companheiros, agradecer a vocês pela colaboração. Acho que pensar a educação é uma responsabilidade de todos, acho que pensar a educação é um desafio que está... e que vocês poderiam ajudar, empresários. Vocês poderiam adotar alguns jovens das Olimpíadas de Matemática. Nós temos alguns milhares de gênios, tem menino tetraplégico que é tetracampeão de medalhas de ouro nas Olimpíadas de Matemática, e esse menino já comprou uma casa da [para a] mãe, porque o governador do



Ceará incentivou ele a dar palestras e criou as condições para ele dar palestras. Então, nós temos aí alguns milhares de gênios nesse país, que nós precisamos garantir que eles tenham bolsas de estudos. Alguns empresários poderiam adotar, aí, um grupo desses meninos e, quem sabe, um gênio que a gente tem inveja tantas vezes lá de fora, a gente pudesse criar aqui, se a gente adotasse parte desses jovens. Nós damos bolsa do Finep para eles, mas eu acho que se a gente puder dar mais é melhor. Se a gente puder garantir que alguns deles tenham bolsas nas universidades particulares seria importante, porque são gênios que, daqui a pouco, a gente vai ver, eles estão trabalhando em Harvard, estão trabalhando em Princeton, estão trabalhando não sei onde, porque alguém deu a chance que aqui no Brasil a gente não quis dar.

De forma, meus queridos companheiros, que eu queria dar os parabéns a vocês pelo tema e queria dar, sobretudo, parabéns para a evolução de pensar educação como a melhor forma de transformar o Brasil nessa grande nação que todos nós queremos ser.

Um abraço, que Deus nos abençoe, e parabéns ao Conselho.

(\$211A)